

Estre cria empresa para vender energia

Gestora de aterros sanitários vai investir R\$ 300 mi em parceria com grupo português

Naiana Oscar

A gestora de resíduos sólidos Estre Ambiental – fundada pelo empresário Wilson Quintela Filho e com sócios como o BTG Pactual, do banqueiro André Esteves – vai estreitar na área de energia. A companhia se associou à portuguesa Enc Energy para criar a Estre Energia Renovável, empresa que vai gerar eletricidade a partir do biogás de seus aterros sanitários. Serão investidos R\$ 300 milhões no novo negócio, que, em três anos, deve faturar R\$ 200 milhões.

Esse já é um plano antigo de Quintela. Mas, só em maio deste ano, a primeira usina entrou

em operação (em caráter experimental) no aterro de Guataparã, interior de São Paulo. Para lá, são levadas diariamente 2,2 mil toneladas de resíduos, vindos de municípios como Araraquara e Ribeirão Preto. A usina ainda aguarda autorização da Agência Nacional de Energia Elétrica (ANEEL) para se tornar comercial, mas já pode vender energia no mercado, por estar em fase de testes. Por enquanto, ela tem capacidade para gerar 4,2 megawatt (MW), quantidade suficiente para abastecer 18 mil pessoas.

“Estamos fazendo um esforço para ampliar essa iniciativa e estender o projeto a 10 dos 23 aterros da Estre”, diz Alexandre

Alvim, diretor de novos negócios da empresa. “A meta é, em três anos, atingir uma capacidade instalada de 100 MW e ser o maior player do setor.”

A Estre não está sozinha nesse mercado, tampouco está no grupo dos pioneiros. As usinas de biogás mais antigas do País estão na capital paulista. A primeira foi instalada no aterro desativado Bandeirantes, na Zona Oeste da cidade, em 2004. A outra entrou em operação em 2007, no também desativado aterro São João. O sistema é administrado pela Biogás Energia Ambiental.

Os projetos seguintes demonstraram a aparecer porque era difícil fechar a equação para ganhar

dinheiro com biogás no País. O Plano Nacional de Resíduos Sólidos, sancionado em agosto de 2010, e considerado o marco regulatório do setor, impulsionou alguns projetos. Em outubro, o governo federal fará o primeiro leilão de energia para empreendimentos de biogás – oito projetos estão inscritos. “Era um investimento muito caro e o

● Potencial
Cerca de 200 mil toneladas de resíduos são geradas por dia no País. Hoje, há registro de 46 projetos de geração de energia a partir de aterros sanitários, com potencial de gerar 254 MW.

mercado não considerava as empresas de resíduo como fornecedores”, diz Carlos Silva Filho, diretor executivo da Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais (Abrelpe).

Em 2011, o Grupo Solvi, que atua em 171 cidades no Brasil e em 16 municípios no Peru, inaugurou uma termelétrica no aterro municipal São Cristóvão, em Salvador. A empresa investiu R\$ 50 milhões no projeto, que tem capacidade de 19,7 MW, capaz de abastecer 50 mil residências.

O grupo está construindo uma nova usina no Rio Grande do Sul, prevista para entrar em operação em agosto do ano que

vem, com capacidade de 8 MW. A paranaense J. Malucelli também tem usinas de biogás.

A própria parceira da Estre no negócio de energia já opera no Brasil. Com oito aterros sanitários sob gestão em Portugal, a Enc Energy fez uma parceria com a Vital Ambiental, do grupo Queiroz Galvão, em 2012, para gerar biogás no aterro de Juiz de Fora.

Parceria. A sociedade com a Estre é uma joint venture, em que a Enc Energy detém 10% do negócio. Três executivos portugueses já estão no Brasil para implementar novas usinas. “O histórico brasileiro em biogás não é muito positivo, por isso buscamos uma empresa que já entendia desse negócio para desenvolver os projetos”, dia Alvim.

A empresa não informa quanto faturou e por que preço vendeu sua energia nesses primeiros meses. Diz apenas que 80% do que foi produzido já está contratado. Os 20% restantes poderão ser comercializados futuramente no mercado à vista, onde o preço da energia superou nesta semana R\$ 650 o MWh.

O negócio ainda é pequeno para Estre, que faturou no ano passado R\$ 1,9 bilhão e teve prejuízo de R\$ 458 milhões. A empresa busca alternativas para se tornar mais rentável. Depois de uma série de cinco aquisições, a Estre tenta equacionar uma dívida de R\$ 1,8 bilhão. Desde o fim do ano passado, a companhia vem passando por uma reestruturação operacional.

Energia limpa atrai fundos de investimento

Os fundos de private equity passaram a olhar com mais apetite para companhias de fontes renováveis de energia. O interesse tem aumentado diante da demanda crescente no Brasil, somada ao fato de que projetos de energia renovável têm um processo de implantação mais rápido,

com a obtenção de licenças ambientais mais simples do que hidrelétricas e térmicas. De acordo com dados da Associação Brasileira de Private Equity & Venture Capital (Abvcap) mais de 21% dos gestores estão com foco nesse setor.

Esse interesse chegou tam-

bém nos fundos de venture capital, que são tradicionalmente grandes investidores no setor de tecnologia. A Nova Investimentos, por exemplo, possui um fundo dedicado à energia renovável, com investimentos em empresas como Brazil Energy e Brazil Hidro. “Esse é

um setor promissor e com forte apelo social”, diz o sócio da gestora Raphael Fraga. Segundo ele, o avanço tecnológico fez com que a geração de energia limpa ganhasse eficiência.

Diante dos casos de sucesso que estão surgindo no setor, a demanda por fundos com esse

perfil está crescendo, avalia o sócio da Performa Investimentos, Guillaume Sagem, que dá especial atenção a energia solar e à cadeia de fornecimento de equipamentos para a eólica. O setor eólico deve saltar de 3% da matriz energética brasileira em 2014 para 8% em 2018. “Isso requer investimentos que precisaram de muito capital. A indústria de private equity será uma das fontes”, diz Sagem.

Embora a presença de energia renovável tenha crescido no portfólio dos fundos de investimento, o setor de tecnologia continua a atrair a maior parcela dos aportes dos venture capital. Segundo o conselheiro da Abvcap, Humberto Matsuda, a atratividade do setor se explica porque as empresas se valorizam mais rápido e exigem menos capital para crescer. /

FERNANDA GUIMARÃES



Se a gente quer fortalecer os jornais brasileiros, há coisas que não se pode deixar de discutir:

RUPTURA, INOVAÇÃO, AVANÇO.

Para entender os novos desafios dos jornais brasileiros e o que eles estão fazendo para avançar, você não pode perder o 10º Congresso Brasileiro de Jornais, nos dias 18 e 19 de agosto, no Sheraton WTC, em São Paulo.

Participam do debate:

Francisco Mesquita Neto
Diretor-Presidente do Grupo Estado

João Roberto Marinho
Vice-Presidente das Organizações Globo

Luiz Frias
Presidente do Grupo Folha

Nelson Sirotsky
Presidente do Conselho de Administração do Grupo RBS

Saiba mais: acesse www.anj.org.br/cbj

10º CONGRESSO BRASILEIRO DE JORNAIS
RUPTURA, INOVAÇÃO E AVANÇO

Empresa parceira:

Patrocínio:

